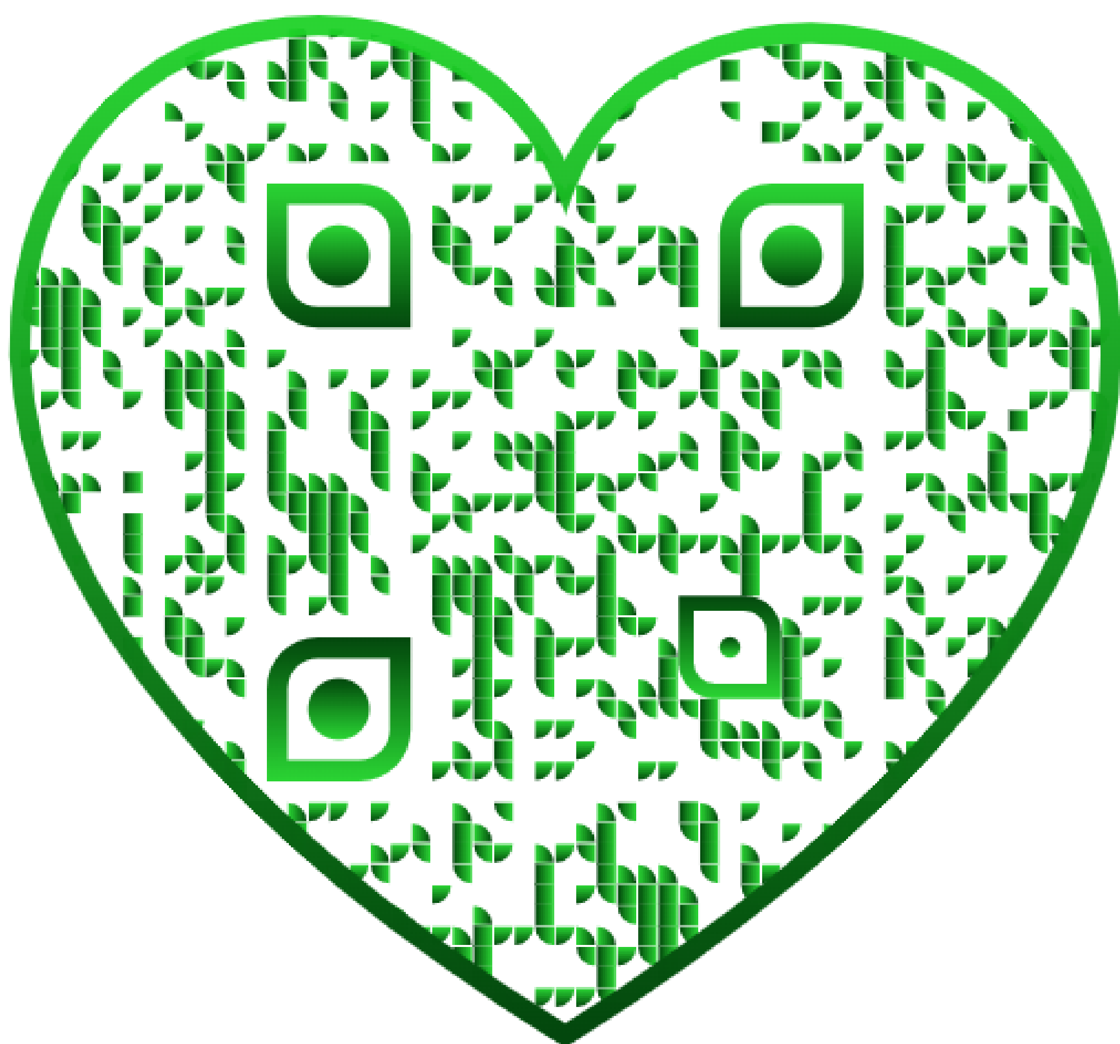
O prisioneiro do Cáucaso

Leon Tolstoi

(Rússia, 1828-1910)



Um nobre servia no Cáucaso como oficial. Chamava-se Giline. Um dia, recebeu uma carta com o remetente de sua casa. Sua mãe escrevia-lhe: “Estou velha e desejo antes de morrer, abraçar uma vez mais meu filho querido. Vem dizer-me adeus. Quero que sejas tu a sepultar-me. Depois, com a ajuda de Deus, voltarás ao teu serviço. Encontrei uma boa noiva para ti. É inteligente, bondosa e tem alguns haveres. Talvez ela te agrade, talvez cases com ela, talvez possas ficar por aqui...”

Giline teve um momento de hesitação: de fato, sua velha mãe não teria muito tempo de vida; talvez não voltasse a vê-la. Era necessário partir e, se a noiva lhe agradasse, era bem possível que se realizasse o casamento.

Dirigiu-se então ao coronel, obteve uma licença, disse adeus a seus camaradas, comprou de seus soldados quatro cantis de aguardente com que festejou a despedida, e dispôs-se a partir.

Estava-se então em pé de guerra, no Cáucaso. Ninguém viajava sozinho, nem de dia, nem de noite. Assim que um russo saía e se afastava das fortalezas, os tártaros matavam-no ou levavam-no prisioneiro para as montanhas. Duas vezes por semana os viajantes iam de fortaleza em fortaleza protegidos pelos soldados da escolta.

Estava-se então em pleno verão. De madrugada, formou-se a caravana fora da fortaleza; os soldados da escolta saíram e iniciaram a marcha. Giline ia a cavalo; uma carroça levando suas bagagens, seguia com a caravana.

Tinham 20 verstas de caminho. A caravana deslocava-se lentamente. Ora se detinham os soldados, ora se soltava uma roda ou parava um cavalo da caravana, parando todos para aguardar o retardatário.

Giline pensou: “Por que motivo não hei de ir só, sem os soldados? O meu cavalo é esplêndido; mesmo que encontre os tártaros, fugirei, galopando.”

Parou a montada. Estava incerto do que fazer... Mas eis que para ele se dirige Kostiline, outro oficial, também a cavalo, que lhe diz:

— Vamos embora, Giline. Não agüento mais. Estou com uma fome danada. Estou em brasas. Tenho a camiseta ensopada.

— Tens o fuzil carregado?

— Sim.

Bom, então vamos. Apenas com uma condição: não nos separaremos, aconteça o que acontecer.

E partiram, deixando a caravana para trás. Cavalgaram pela estepe, conversando e vigiando o horizonte. Os olhos perdiam-se ao longe, na imensidão plana.

Finalmente foi interrompida a continuidade da estepe. O caminho seguia entre duas montanhas, através de um desfiladeiro. Giline disse:

— Vou dar uma espiada, lá do alto da montanha.

O seu cavalo era um animal treinado para caçadas. Parecia ter asas, escalando a encosta abrupta. Quando chegou ao alto, Giline desceu e olhou: à frente deles, a cem metros, tártaros a cavalo. Trinta homens.

Quis regressas. Mas os tártaros também o tinham avistado; lançaram-se sobre ele e, saltando de um lado para outro, foram retirando os fuzis dos coldres. Giline fez seu cavalo lançar-se pela encosta, e gritou para Kostiline:

— O teu fuzil! Segura o teu fuzil!

Mas Kostiline, em vez de esperar, deitou-se sobre o cavalo, como é habito dos soldados das fortalezas. Com o chicote, açoitou-o, fazendo saltar para a esquerda e para a direita.

Giline compreendeu que a situação se tornava perigosa. O fuzil tinha desaparecido com Kostiline; apenas um sabre não poderia enfrentar os inimigos. Dirigiu a montada pelo caminho que levava até os soldados. Essa, a única salvação que poderia esperar.

Viu que 6 tártaros de desviavam para lhe cortarem caminho. O seu cavalo era bom, mas os dos outros eram ainda melhores e eles galopavam, firmemente decididos a interceptá-lo. Reduziu a marcha; quis voltar, mas lançado já na carreira, não pôde sofrear o cavalo. Voou direto aos tártaros.

Viu que um deles se aproximava; distinguiu-lhe uma soberba barba vermelha e reparou que montava um cavalo cinzento. Gritava. Seu fuzil ainda estava no coldre.

Giline, apesar de sua pequena estatura, era um homem corajoso. Empunhou o sabre e lançou o cavalo sobre o tártaro vermelho. Pensava: "Ou o derrubo com o cavalo, ou o abato com o sabre". Mas os tártaros que galopavam à sua retaguarda, fizeram fogo, e atingiram o cavalo. O animal tombou e Giline ficou com a perna presa sob a montada.

Quis levantar-se, mas já dois tártaros mergulhavam sobre ele. Deu um salto e desembaraçou-se dos inimigos; mas outros 3 saltaram dos cavalos e começaram a espancá-lo com a coronha dos fuzis. Os tártaros aprisionaram-no. Tiraram das celas algumas cilhas de reserva, puxaram-lhe os braços para trás das costas, amarraram-nos firmemente e

prenderam-no a uma sela. Tomaram-lhe o chapéu de peles e as botas e rasgaram-lhe todo o vestuário.

Giline contemplou o seu cavalo; tal como tinha caído o pobre animal, assim jazia pelo chão, agitava espasmodicamente as patas que não podia firmar no solo; tinha um buraco na cabeça do qual jorrava um tal jacto de sangue negro que, numa superfície de cerca de $1m^2$ a terra estava toda ensopada.

Um tártaro aproximou-se do cavalo, tirou-lhe a sela. O animal ainda esperneava. O tártaro empunhou um punhal e cravou-lho no pescoço. As narinas contraíram-se num relincho abafado; um estremecimento e logo depois o animal expirou.

Então, o tártaro de barba vermelha montou sobre o seu cavalo. Os outros escarrancharam Giline na garupa e, para evitar de caísse, amarraram-no à cintura do tártaro com uma correia. Dirigiram-se depois para as montanhas.

Giline nada mais via a sua frente, o sangue coagulara-se sobre os olhos; não podia nem manter-se direito sobre a montada, nem limpar o ferimento; seus braços estavam tão apertados que as clavículas ameaçavam quebrar.

Chegaram ao aoul (*aldeia tártara).*

Os tártaros apearam-se; surgiram as crianças; cercaram Giline e riram e gracejaram; lançaram-lhe pedras.

Um artesão dispersou os meninos; retirou Giline de cima do cavalo e chamou um companheiro.

Depois, um Nogai (*os tártaros Nogaís habitam as estepes ao norte do Cáucaso*) com as maçãs do rosto muito salientes avançou. Vestia uma camisa esfarrapada que lhe deixava o peito totalmente desnudo. O tártaro ordenou-lhe algo. O artesão voltou mais tarde com um cepo para os pés: duas pesadas pranchas de carvalho jungidas com anéis de ferro. Um dos anéis terminava numa argola menor na qual era encaixado um cadeado.

Colocaram o cepo nos seus pés e o arrastaram até a entrada de uma cabana. Empurraram-no para dentro e fecharam a porta. Giline caiu sobre um monte de esterco. Arrastou-se, tateou na escuridão em busca de um local mais fofo e deitou.

Giline não conseguiu adormecer; viu a luz do dia por uma fenda. Sentia sede. Escutou passos e pouco depois abriram a porta da cabana. O tártaro vermelho entrou, acompanhado por outro, de estatura menor e mais escuro; tinha feições alegres e ria constantemente. O tártaro moreno estava bem vestido: capa curta de seda azul-escuro estava ornada com

um galão. Na cintura, um grande punhal de prata e sobre os sapatos de pele finíssima, calçava outros mais resistentes. Usava um enorme chapéu de pele de carneiro branco.

Giline levando as mãos à boca, indicou que tinha sede.

O moreno compreendeu; começou a rir, olhou pela porta e chamou:

— Diná!

Acorreu uma mocinha franzina, talvez uns 13 anos e feições semelhantes ao tártaro moreno. Era evidente que era sua filha. Tinha, como ele, uns olhos negros e brilhantes e rosto sempre alegre. Vestia um longo roupão azul, com mangas largas e sem cintura. Nas abas, no peito e mangas, seu roupão estava ornado com fitas vermelhas. Usava calças compridas e uns sapatinhos; e sobre esses sapatinhos, uns outros de salto alto; em volta do pescoço, um colar feio de moedas russas de meio rublo. Tinha a cabeça descoberta; sua cabeleira negra estava presa com uma fita da qual pendiam pequenos adornos de metal e um rublo de prata.

Seu pai lhe deu uma ordem qualquer. Ela se retirou, voltando pouco depois com um cântaro de latão. Deu-lhe de beber, agachando-se; curvara-se de tal forma que seus olhos ficavam mais altos do que os ombros. Abriu os olhos, espantada; observava Giline bebendo, como se ele fosse um animal.

Giline devolveu o cântaro. Ela saltou para trás, como uma cabrita. Seu pai riu. Levou o cântaro, correu, trouxe pão sem levedura numa pequena bandeja circular, sentou-se de novo com a cabeça mais baixa que os joelhos. Não baixava os olhos; fitava sem timidez.

Os tártaros retiraram-se; fecharam a porta. Pouco depois entrou um Nogaí que disse:

— Aída! Senhor Aída!

Mas também ele não falava russo. Giline entendeu apenas que lhe ordenava que o seguisse.

Giline saiu com o cepo; mancava; mal podia caminhar, de tal forma seu pé estava preso. Giline seguiu o Nogaí, viu então que se encontrava numa aldeia tártara com dez casas e a respectiva mesquita com uma torre. À porta de uma das casas, 3 cavalos selados. Um rapazinho segurava-os. O tártaro moreno saiu dessa casa; acenou para que Giline caminhasse até ele.

Giline entrou na casa. A sala era bonita. As paredes estavam cobertas com uma argila uniforme. Reparou nas almofadas pintadas, nos ricos tapetes sobre os quais repousavam os fuzis; reparou nas pistolas e

nos sabres. Sobre uma das paredes, um pequeno véu. O chão era terra batida, mas limpo como uma eira; um dos cantos estava todo forrado de feltro; sobre o feltro, tapetes e sobre estes, travesseiros de penas...

Era nesse canto que se tinham sentado os tártaros; o moreno, o vermelho e três visitantes. Recostavam-se nas almofadas de pena. Diante deles sobre uma pequena mesa redonda, bolos de milho, manteiga de vaga e um cântaro com buza (*bebida de farinha fermentada*). Comiam com os dedos e tinham as mãos empastadas de manteiga.

Conversavam; então um dos visitantes voltou-se para Giline e disse-lhe, em russo:

— Kazi Mahommed aprisionou-te — apontou o tártaro vermelho — e deu-te a Abdoul-Mourat — apontou o moreno — Abdoul Mourat é agora o teu senhor.

Giline conservou-se em silêncio.

Abdoul tomou a palavra. O tradutor disse:

— Ele ordena que escrevas uma carta para tua casa, para que daí enviem um resgate. Quando chegar o dinheiro, ele deixará que partas.

Giline refletiu e perguntou:

— Ele quer um resgate muito grande?

Os tártaros voltaram a conversar e o tradutor precisou:

— Três mil moedas.

— Não — argumentou Giline — não posso pagar tal soma.

Abdoul levantou-se bruscamente; gesticulou e disse algo a Giline, acreditando que ele o entenderia. O intérprete traduziu:

— Quanto queres tu dar?

Giline guardou silêncio por um instante, e ofereceu:

— Quinhentos rublos.

Os tártaros voltaram a discutir. E o interprete transmitiu a resposta:

— Para o teu senhor, é pouco. Ele mesmo pagou por ti 200 rublos. Kazi Mahommed devia-lhe essa importância. Ele recebeu-te como pagamento da dívida. Não poderás partir por menos de 3000 rublos. E se não escreveres, serás lançado a uma fossa e açoitado.

"Olá! — pensou Giline — com essa turma, o pior é mostrar medo!". Levantou-se e gritou:

— E tu, diz a esse cachorro que se ele me quer amedrontar, não lhe dou sequer um copeque, não escreverei uma única linha. Nunca tive nem terei medo de vocês, cachorros!

O intérprete traduziu; de novo os tártaros voltaram a falar ao mesmo tempo. Discutiram muito; depois o moreno levantou-se bruscamente de Giline:

— Orusse Dgiguitte — disse — Orusse Dgiguitte (para eles, significa jovem corajoso).

E riu. Disse algo ao intérprete, que o aconselhou:

— Dá mil rublos!

Giline repetiu:

— Não darei mais do que 500. E se me matarem, nem os 500 tereis.

Os tártaros voltaram a discutir; mandaram o artesão embora e ficaram olhando ora para Giline, ora para a porta.

O artesão regressou pouco depois; atrás dele caminhava um homem, descalço e esfarrapado, também com um cepo num dos pés.

Giline suspirou. Reconhecera Kostiline. Também ele tinha sido aprisionado. Obrigaram-nos a sentar-se um ao lado do outro. Kostiline contou que seu cavalo tinha sido abatido, que seu fuzil falhara e que o próprio Obdoul o alcançara e aprisionara.

Obdoul levantou-se bruscamente; apontou Kostiline e disse algo. O intérprete explicou que ambos tinham agora o mesmo senhor e que aquele que fosse o primeiro a entregar o dinheiro seria o primeiro a ser libertado. E argumentou com Giline:

— Tu, tu estás sempre zangado; o teu companheiro é um homem mais razoável; já escreveu uma carta para os seus; pede cinco mil peças. Será bem alimentado e bem tratado.

— Meu companheiro — respondeu Giline — procede como quer; talvez seja rico, mas eu não sou. É como eu disse. Matem-me se quiserem, mas nada ganham com isso. Escreverei apenas para 500 rublos.

Os tártaros nada responderam.

De repente, Abdoul levantou-se, irritado, abriu um cofre, pegou uma caneta, um pedaço de papel e tinta; aproximou-se de Giline, deu-lhe um safanão e disse:

— Escreve!

Giline concordou.

— Espera — disse Giline ao intérprete; — fala-lhe que é preciso que nos alimente bem, que nos vista e calce e que nos deixe partir juntos — será mais divertido para nós — e que nos tire os cepos.

Olhou para o tártaros seu senhor, e riu. O tártaro riu também e concordou com tudo, exceto no que dizia respeito aos cepos.

— Não é possível tirá-los, eles fugiriam. Apenas de noite o farei.

Giline redigiu uma carta, mas nela escreveu um falso endereço. Raciocinava: "tratarei de fugir, e assim não obrigarei minha mãe a um sacrifício tão pesado."

Foi assim que ele viveu com seu companheiro um mês inteiro. Depois, resolveu evadir-se e comunicou sua intenção a Kostiline.

Este refletiu demoradamente e decidiu-se:

— Pois bem, vamos!

Giline abriu na parede um buraco suficientemente largo para passarem; depois, aguardaram que o silêncio envolvesse a aoul. Evadiram-se, e depois de fazerem o sinal da cruz, puseram-se a caminho, pensando não terem levantado qualquer suspeita.

O nevoeiro era frio. Giline calçou as botas. Kostiline os pés ensangüentados, caminhava gemendo; vinte vezes pediu ao companheiro que o abandonasse, mas este acabou por transportá-lo sobre os ombros, parando somente junto a uma pequena fonte que brotava de uma rocha. Giline depôs Kostiline no chão e disse-lhe:

B— ebe e permite que descanse um pouco.

Acaba de se deitar quando escutou passos. Com seu companheiro, correu para a direita, ocultando-se num matagal, sobre uma escarpa.

Distinguiram vozes de tártaros; estes, tinham parado no local onde ambos tinham abandonado o caminho. Falaram demorada-mente; depois, incitaram os cães. Giline e Kostiline ouviram algo se quebrando no valado. Um cão avançava sobre eles, farejando. Súbito, deteve-se e uivou.

Logo surgiram os tártaros; aprisionaram-nos, garrotaram-nos, colocaram sobre os cavalos e partiram.

A sua existência tornou-se horrível. Jamais lhes retiraram os cepos, jamais os deixaram sair. Do alto da fossa, lançavam-lhes, como cães, bolos de farinha crua, e a água era descida num cântaro. A fossa era pestilenta, quente e úmida.

Uma vez, Giline, agachado na fossa, sonhava com a vida livre e estava triste. De repente, a frente de seus joelhos, tombou um bolo frito, e logo um outro, e depois cerejas. Olhou para cima e viu Diná.

Ela sorriu e fugiu.

E Giline pensou: "Talvez Diná possa ajudar-me."

Arrancou do chão da fossa um pedaço de argila e entreve-se a modelar alguns bonecos. Homenzinhos, cavalos e cães; pensava: "Quando vier Diná, dou-lhe estes brinquedos".

Porém, no dia seguinte, Diná não apareceu. E Giline escutou os homens correrem e o tropel dos cavalos. Os tártaros reuniram-se na mesquita; discutiram, gritaram e falaram dos russos. Não compreendeu tudo o que ouviu, mas pressentiu que os russos aproximavam-se e que os tártaros receavam que chegassem a aldeia e vissem o que tinham feito com os prisioneiros.

Conferenciaram e retiraram-se. De repente, escutou um ruído lá em cima. Olhou. Diná estava agachada, os joelhos mais altos que a cabeça. Debruçada, seus colares balançavam dentro da fossa. Os olhos brilhavam como estrelas. Tirou da manga dois bolinhos fritos e atirou-os a Giline.

Giline pegou-os e disse:

— Há quanto tempo não te via! Olha, arrumei-te uns brinquedos. Toma aí, vai.

E atirou um.

Ela abanou a cabeça:

— Não era preciso — disse.

Calou-se, ficou sentada por alguns instantes e falou:

— Ivan, eles querem matar-te.

E com a mão mostrava o próprio pescoço.

— Quem quer me matar?

Meu pai; os velhos assim mandaram. Mas eu tenho piedade de ti.

Giline disse então:

— Se tens piedade de mim, então traz-me uma vara comprida.

Ela abanou a cabeça para dizer que era impossível e desapareceu.

À noite, sentiu que lhe jogavam terra sobre a cabeça. Olhou para cima. Uma longa vara estava apoiada na borda da fossa. Empinada, começou a descer; por fim, rolou para dentro da fossa.

Voltou a olhar para cima; as estrelas resplandeciam longe, no céu; e no alto da fossa, os olhos de Diná brilhavam na obscuridade como os de um gato. Debruçou-se sobre a fossa e murmurou:

— Ivan! Ivan!

E, com as mãos sobre o rosto, fazia sinal para que evitasse fazer barulho. Giline despertou o companheiro:

— Ei, Kostiline, vamos! Tentemos uma última vez, te ajudarei.

Kostiline não o quis ouvir.

Não — respondeu — nem sequer posso sair daqui. Onde iria eu, quando nem forças tenho para arrastar-me?

— Bem, então, adeus! Não me guardes rancor!

Beijaram-se.

Firmou-se na vara, pediu que Diná a segurasse, e iniciou a escalada. Duas vez caiu. O cepo prejudicava-o. Kostiline susteve-o e, bem ou mal, chegou ao alto. Com suas pequenas mãos, Diná puxava-o pela camisa; ela ria.

Giline retirou a vara e disse:

— Põe-na no lugar, Diná, se a vêem aqui, batem-te.

Ela arrastou a vara e Giline desceu a montanha. Para poder caminhar livremente, tomou uma pesada pedra e tentou quebrar as cadeias do cepo. Não conseguiu, e as pequenas mãos da fiel Diná que entretanto o alcançara, também nada puderam fazer. Giline, convencido que era imperioso alcançar o desfiladeiro antes que surgisse a lua, deixou fora a pedra e resolveu caminhar, apesar o cepo.

— Adeus, pequena Diná! — disse ele — lembrarei de ti eternamente.

Diná começou a chorar. Abraçou-o desesperadamente e correu pela montanha, saltando como uma cabritinha. No meio da noite, escutava-se apenas a fita de moedas que prendia seus cavalos, tilintando de encontro as suas costas.

Giline fez o sinal da cruz, segurou o cadeado do cepo, a fim de evitar qualquer barulho e iniciou a caminhada. Arrastava a perna, olhando constantemente para o lado avermelhado do céu de onde deveria surgir a lua.

Já conhecia o caminho. Caminhou sem hesitações durante 8 verstas. Porém, conseguiria alcançar a floresta antes que a lua aparecesse?

Atravessou o ribeiro; quando brilhou a luz, acabava ele de entrar na floresta.

Novamente tentou abrir o cepo. Feriu as mãos, mas não o conseguiu abrir. Levantou-se e continuou a caminhar. Percorreu uma versta; suas forças estavam esgotadas; mal se sustinha em pé. Andava dez passos e parava.

Caminhou durante toda a noite; encontrou apenas dois tártaros a cavalo; porém, ouviu-os de longe e ocultou-se atrás de uma moita.

Já então a lua começava a empalidecer; caía o orvalho; o dia estava próximo e Giline não chegara ao fim da floresta.

— Pois bem! — disse — ando mais trinta passos, escondo-me na floresta e sento-me!

Caminhou os 30 passos e viu que a floresta terminava um pouco mais à frente. Ao alcançar a orla da floresta, já era dia. À sua frente, a estepe e a fortaleza; à esquerda, bem próximo, no sopé da montanha, ardiam ou extinguiam-se fogos, o fumo subindo, homens rodeando as fogueiras.

Olhou fixamente e viu os fuzis que brilhavam: eram os cossacos e os soldados.

Giline sentiu-se invadido pela alegria; reuniu as últimas forças e iniciou a descida da montanha. Mas dizia: "Deus me guarde que um tártaro me veja: não conseguirei passar".

Mal lhe aflorara este pensamento quando olhou à esquerda. Sobre uma colina, 3 tártaros ocupando duas deciatinas (*medida de superfície russa)*. Viram-no e galoparam em sua direção.

Sentiu que desfalecia. Agitou os braços e gritou o que lhe veio ao espírito:

— Irmãos, socorro, irmãos!

Os russos escutaram-no e montaram. Correram em sua direção, tentando cortar caminho aos tártaros.

Os cossacos estavam longe e os tártaros bem perto. Mas Giline apelara já para as derradeiras forças; segurou o cepo com as mãos e correu em direção aos cossacos; fazia sinais da cruz e gritava:

— Irmãos! — Irmãos! — Irmãos!

Os soldados cercaram-no. Um deles ofereceu-lhe pão, um outro cerveja, outro vodca, outro cobriu-o com uma capa e outro ainda libertou-o do cepo.

Os oficiais reconheceram-no e conduziram-no para a fortaleza. Ai Giline contou toda a sua aventura, e disse:

— E aqui está como eu fui a casa e me casei! Certamente não era esse o meu destino.

E continuou servindo no Cáucaso. Kostiline foi resgatado apenas um mês mais tarde, por 5mil rublos. Estava mais morto do que vivo...